



# AGROPECUÁRIA DO “GANHA-GANHA”

**O** Brasil supre 20% da colossal demanda externa agroalimentar chinesa, cujo crescente apetite pelos grãos e proteína animal tende a alcançar 25% do consumo adicional mundial já na próxima década. Os embarques destinados à China e Hong Kong já contabilizam quantidade quatro vezes superior àquela dirigida aos Estados Unidos, outrora nosso principal cliente, gigante dos generosos subsídios agrícolas e ranqueado nosso principal concorrente nessa arena global.

A competitiva agropecuária verde-amarela acerta ao mirar cada vez mais a Ásia, pois percebe que a conjuntura contemporânea vai deslocando seu eixo para um novo ordenamento demográfico e econômico, centrado naquela região, sobretudo por conta da trivial preocupação com a segurança alimentar, porém exponencialmente amplificada a partir da aleatória Covid-19.

Historicamente, as crises fazem parte da dinâmica econômica mundial, e assim como existiram fases de emergência e hegemonia de centros econômicos, ao longo do tempo também foram abalados por tribulações.

A obra “O Longo Século XX”, do economista Giovanni Arrighi, utilizou o conceito de “longa duração”, elaborado pelo historiador Fernand Braudel (*Escola dos Annales*), e construiu um padrão referente à história econômica mundial, tendo como base os ciclos e suas fases de emergência, hegemonia, crise sinalizadora e desfecho terminal.

Do século XV ao XVI, os genoveses concentraram uma elevadíssima quantidade de capital, com o seu monopólio do comércio mediterrâneo. Do século XVI ao XVII, os holandeses com as suas companhias ligadas à comercialização do açúcar, sobre o qual exerceram também o monopólio. Do século XVIII ao XIX, os britânicos

com a sua sólida e extensa rede industrial, além de sua acumulação primitiva de capital, que garantiu o seu pioneirismo no Capitalismo Industrial.

Por fim, o ciclo sistêmico que nos encontramos agora (e quem sabe, em transição) no qual os norte-americanos controlam o sistema financeiro e tem a sua moeda como o principal meio de preservação da hegemonia. Hegemonia hipoteticamente ameaçada, na opinião de Immanuel Wallerstein, autor de uma das obras mais completas sobre a história do Capitalismo (“O sistema mundial moderno”). Atento à crise de 2008, alertou que o mundo vive uma fase pós-americana, evidenciando a crise cíclica norte-americana (alcança do ponto de esgotamento de sua acumulação do capital). Desde a trágica explosão da bolha imobiliária nos EUA, os países parecem ter adentrado uma crise terminal do atual ciclo hegemônico, vivenciando uma atmosfera caótica e preenchida de incertezas e dúvidas sobre o que está por vir.

Uma das hipóteses levantadas recentemente se refere ao crescimento econômico da China e a possível substituição do ciclo sistêmico norte-americano pelo gigante asiático que pode vir ocupar o pódio da hegemonia econômica global. De acordo com o Prof. Carlos Eduardo Martins (UFRJ), desde a segunda metade do século XX, a China vem desenvolvendo fortemente a sua economia, por meio de uma série de reformas e novos planos econômicos (uma nova política cambial, por exemplo).

Atento às múltiplas formas e expressões do Capital(ismo), de acordo com o economista Luiz Carlos Bresser Pereira, o modelo desenvolvimentista asiático é caracterizado pela existência informal de uma estratégia nacional de desenvolvimento – um sistema de leis, políticas públicas, acordos e entendimentos, visando criar oportunidades de investimento lucrativo para os empresários –, por uma forte intervenção do Estado na economia de forma a tornar essa estratégia operativa, e por um baixo nível de proteção do trabalho (*Cinco Modelos de Capitalismo*, maio/2011, p. 9).

Esse provável padrão de acumulação de capital na China, somado à sua preocupação com o abastecimento alimentar externo, encontra no Brasil um supridor de confiança e, sobretudo, dependente dos necessários superávits gerados na exportação dos excedentes da sua produção agropecuária. Além disso, futuramente a “Nova Rota da Seda”, investimento multibilionário de infraestrutura anunciado pela China, vai multiplicar encomendas e facilitar a distribuição dos produtos brasileiros pelo seu trajeto.

Os milenares comerciantes chineses e os perseverantes agro empreendedores brasileiros têm a amizade estreitada por conta dessa útil e vantajosa relação, mas ambos reconhecem que no “ganha-ganha” do comércio internacional, a conveniência e os interesses é que prevalecem, pois já dizia o ditado: “amigos, amigos, negócios à parte!”. ■

**A COMPETITIVA AGROPECUÁRIA VERDE-AMARELA ACERTA AO MIRAR CADA VEZ MAIS A ÁSIA, POIS PERCEBE QUE A CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA VAI DESLOCANDO SEU EIXO PARA UM NOVO ORDENAMENTO DEMOGRÁFICO E ECONÔMICO, CENTRADO NAQUELA REGIÃO**

▼  
**Ariovaldo Zani**  
é médico veterinário,  
professor do MBA  
PECEGE/  
ESALQ/USP

**Gabriel Zani**  
é historiador